

O uso do “Implicit Relational Assessment Procedure” na investigação sobre gênero: revisão sistemática

The use of “Implicit Relational Assessment Procedure” in gender research: systematic review

El uso del “Implicit Relational Assessment Procedure” em la investigación sobre género: una revisión sistemática

Felipe Augusto Monteiro Cravo^{1,2}, Marcela Almeida Sousa de Morais^{3,4}, Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu^{1,5}

[1] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Bauru) [2] Universidade de Sorocaba (UNISO) [3] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) [4] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais [5] Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE) | **Título abreviado:** Revisão sistemática sobre IRAP e gênero | **Endereço para correspondência:** Felipe Augusto Monteiro Cravo – Faculdade de Ciências, Laboratório Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde (LADS) – Av. Eng. Luis Edmundo Carrijo Coube, 2085. CEP 17033-360. Bauru/SP – | **Email:** felipeamcravo@gmail.com | **doi:** org/10.18761/VEEM.011.nov21

Resumo: Atitudes são comportamentos operantes produto de contingências sociais. Por meio de instrumentos específicos pode-se investigar as propriedades, topografias e funções das atitudes frente a fenômenos socialmente relevantes. O objetivo deste estudo foi apresentar uma revisão sistemática de literatura acerca das pesquisas analítico-comportamentais sobre atitudes implícitas de gênero aferidas pelo IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*). Os descritores utilizados na busca foram “implicit relational assessment procedure” [and] “gender”, em três bases de dados. Dez artigos atenderam aos critérios de inclusão. No geral 546 participantes de ambos os gêneros participaram das pesquisas. Sete pesquisas utilizaram a mesma configuração do IRAP (80% em precisão, tempo de latência \leq 2000ms). Oito pesquisas utilizaram estímulos textuais como rótulo e alvo. Uma pesquisa verificou os efeitos de intervenções sobre a modificação de atitudes implícitas. Todas as pesquisas identificaram vieses implícitos de gênero. Participantes masculinos apresentaram vieses de gênero mais forte que as participantes femininas. A caracterização dos participantes e a configuração do IRAP são discutidas com vistas a ampliar a aplicabilidade do instrumento e refinar a compreensão sobre o fenômeno estudado. Discute-se a importância de a Análise do Comportamento participar ativamente de pesquisas e intervenções sobre gênero visando contribuir para diminuição de injustiças sociais.

Palavras-chave: Gênero; *Implicit Relational Assessment Procedure*, Análise do Comportamento, Atitudes implícitas.

Nota: Esta pesquisa é um recorte do doutorado do primeiro autor sob a orientação da terceira autora. A pesquisa foi apoiada pelo programa científico do National Institute of Science and Technology on Behavior, Cognition and Teaching (INCT-ECCE; CNPq#573972/2008-7 and FAPESP#2008/57705-8).

Abstract: Attitudes are operant behaviors produced by social contingencies. Through specific instruments, it is possible to investigate properties, topographies and functions of attitudes towards socially relevant phenomena. The aim of this study was to present a systematic review of the literature on behavioral analysis research on implicit gender attitudes as measured by the IRAP (Implicit Relational Assessment Procedure). The descriptors used in the search were “implicit relational assessment procedure” [and] “gender”, in three databases. Ten articles met the inclusion criteria. In general, 546 people of both genders served as participated in the researches. Seven researches used the same IRAP configuration (80% accuracy, latency time \leq 2000ms). Eight used textual stimuli as a label and target. One research looked at the effects of interventions on modifying implicit attitudes. All studies identified implicit gender bias. Male participants showed stronger gender bias than female participants. The characterization of the participants and the configuration of the IRAP are discussed toward expanding the applicability of the instrument and refining the understanding of the phenomenon studied. It discusses the importance of Behavior Analysis to actively participate in research and interventions on gender in order to contribute to the reduction of social injustices.

Keywords: Gender; *Implicit Relational Assessment Procedure*; Behavior Analysis; Implicit Attitudes

Resumen: Las actitudes son operantes que resultan de contingencias sociales. Utilizando instrumentos específicos, es posible investigar las propiedades, topografías y las funciones de las actitudes de fenómenos socialmente relevantes. El objetivo de este estudio fue presentar una revisión sistemática de la literatura sobre investigación analítico-conductual sobre las actitudes implícitas de género medidas por el IRAP (Implicit Relational Assessment Procedure). Los descriptores utilizados en la búsqueda fueron “implicit relational assessment procedure” [y] “gender”, en tres bases de datos. Diez artículos cumplieron los criterios de inclusión. En general, 546 participantes de ambos géneros participaron en las investigación. Siete utilizaron la misma configuración IRAP (80% de precisión, tiempo de latencia \leq 2000 ms). Ocho utilizaron estímulos textuales como modelo y comparación. Una investigación ha examinado los efectos de las intervenciones sobre la modificación de actitudes implícitas. Todas las investigación identificaron sesgos de género implícitos. Los participantes masculinos mostraron un sesgo de género más fuerte que los participantes femeninos. Se discute la caracterización de los participantes y la configuración del IRAP con miras a ampliar la aplicabilidad del instrumento y afinar la comprensión del fenómeno estudiado. Se discute la importancia del Análisis de Conducta para participar activamente en investigaciones e intervenciones sobre género con el fin de contribuir a la reducción de las injusticias sociales.

Palabras clave: género; *Implicit Relational Assessment Procedure*; Análisis Conductual; Actitudes Implícitas

Uma habilidade presente em humanos é a categorização de eventos, por meio de agrupamentos de estímulos em conjuntos distintos seguindo critérios de identidade e similaridade física ou de relações simbólicas e arbitrárias (Moreira, Todorov, & Nalini, 2006; de Rose, 1993). Dentre os eventos passíveis de categorização, estão as pessoas que, a partir de suas características físicas, atitudes ou pertencimento a grupos, podem ser agrupadas de diversas formas (Goffman, 1975; Mizael, Santos, & de Rose, 2016).

A cultura ocidental desenvolveu e manteve práticas sociais de diferenciação binária entre os gêneros feminino e masculino. Para cada gênero se associou características, atitudes e papéis tanto positivos quanto negativos. A diversidade dos membros representantes de uma classe masculino ou feminino e a manipulação de sinais ou características que a representa estão relacionadas com exploração, subalternização e exclusão de pessoas identificadas como femininas ou outros gêneros não contemplados pela classificação binária (Butler, 2015; Rubin, 2017). Connell e Pearse (2015) apontam que todas as relações humanas são generificadas, pois estão permeadas por regras culturalmente desenvolvidas para cada gênero, determinando o que ou quem é feminino/masculino; a partir destas categorias regras específicas sobre como falar, andar, cortejar, pensar, desejar são descritas e atribuídas para cada gênero. Para Ruiz (2003), em uma perspectiva analítico-comportamental, relações generificadas referem-se ao controle social desenvolvido pela comunidade humana para dominar o acesso a reforçadores e ensinar comportamentos públicos e privados. Neste caso os homens e a masculinidade exercem controle sobre a distribuição de reforçadores sociais às mulheres, as feminilidades e as demais configurações possíveis de gênero. Este controle é baseado em relações arbitrariamente estabelecidas entre os gêneros, atributos físicos e características de comportamento como “mulheres menos forte que homens”, “homens menos sensíveis que mulheres”, “homens pertencem a esfera pública e mulheres a esfera privada”, “mulheres são frágeis e homens são fortes”. Estas relações são estabelecidas e mantidas por contingências de reforço e, com base nos efeitos injustos e opressivos destas relações sociais generificadas, Ruiz (1995; 1998; 2003) destaca

a necessidade de estabelecer interlocução entre a Análise do Comportamento e as propostas filosóficas e ativistas feministas acerca da cultura machista patriarcal e seus efeitos na sociedade. Um dos objetivos desta interlocução para além de identificar e descrever as relações de controle entre atitudes, seus efeitos e as circunstâncias em que ocorrem, seria o desenvolvimento de tecnologia comportamental aplicada à transformação cultural. Pode-se, dentre muitas outras perspectivas, compreender os efeitos e as direções das modificações culturais propostas pelos movimentos feministas acerca das relações de gênero por meio das investigações sobre as atitudes explícitas e implícitas.

Pesquisas sobre atitudes têm sido desenvolvidas pela Psicologia Social e pelas Ciências Comportamentais e Cognitivas, resultando em um vasto corpo teórico e metodológico (Greenwald & Lai, 2001). A Psicologia Social apresenta definições para atitudes como sentimentos, crenças e inclinações a ação frente a estímulos do mundo social (Myers, 2014; Ferreira, 2010). A partir da perspectiva analítico-comportamental Hughes, Barnes-Homes & de Houwer (2011) descrevem que as atitudes constituem uma integração afetiva e cognitiva de avaliações sobre estímulos sociais categorizados pelas regras culturais. Tais sentimentos, crenças e avaliações podem apresentar valências afetivas positivas (e.g., bem-estar, satisfação) e negativas (e.g., aversão, desconforto). As atitudes estão relacionadas e podem ser preditivas (Cooper et al., 2012) de comportamentos públicos de aproximação (*approach*) ou evitação (*avoidance*) a estímulos (e.g., forma física, cor da pele, orientação sexual, gênero) (Feldman, 2015; Myers, 2014). Investigações sobre atitudes negativas visam a compreender comportamentos classificados como discriminatórios e preconceituosos racistas (Barnes-Holmes, Barnes-Holmes, Stewart & Boles, 2010), gordofóbicos (Nolan, Murphy & Barnes-Holmes, 2013), sexistas (Cartwright, Hussey, Roche, Dannel & Murphy, 2017) entre outros.

Atitudes podem ser descritas como comportamentos operantes, produto de contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais (Marcelino & Arantes, 2019; Mizael et al., 2016). As inclinações à ação (comportamentos de aproximação ou evitação) referem-se a maior ou menor probabilidade de

uma resposta comportamental aberta ou encoberta ocorrer em contextos específicos (estímulos antecedentes) em função da obtenção de consequências reforçadoras ou não (estímulos consequentes). Assim, atitudes negativas que participam de episódios sociais discriminatórios ou de planejamentos culturais excludentes são aprendidas por meio de uma diversidade de contingências de reforço descritas em regras verbais, modelação, modelagem, aprendizagens derivadas por meio de relações de equivalência e molduras relacionais. O Paradigma de Equivalência de Estímulos (Sidman & Tailby, 1982) e a Teoria das Molduras Relacionais (Hayes, Barnes-Holmes, & Roche, 2001), ao definirem as condições sob as quais ocorre a derivação de relações entre estímulos, permitem a compreensão de como atitudes negativas envolvidas em qualquer tipo de viés social podem ser desenvolvidas sem ensino direto de regras que explicitam essas atitudes (Sant'Ana, Souza & Melo, 2019; Silva & Laurenti, 2016; Hayes, Barnes-Holmes, & Roche, 2001). Acerca das aprendizagens derivadas tem-se que relações entre eventos tais como "mulheres são fracas" e "homens são fortes", "forte é melhor que fraco" então, "homens são melhores que mulheres" podem ser aprendidas sem ensino direto.

Uma das vantagens em compreender as atitudes como comportamentos operantes é a possibilidade de criar intervenções para diminuição das relações sociais opressivas. As atitudes interpretadas como comportamento operante são produtos das contingências sociais estabelecidas culturalmente e não derivadas de estruturas internas metapsicológicas ou traços de personalidade. Portanto, o preconceito e as atitudes negativas sobre quaisquer sujeitos sociais (e.g., mulheres, comunidade LGBTQIA+, comunidade preta, comunidade indígena, pessoas gordas) não é responsabilidade exclusiva dos sujeitos que se comportam de maneira preconceituosa, pois as atitudes não são criadas pelo próprio sujeito antes do contato social. Ao contrário, todas as atitudes são frutos de uma história de condicionamentos sociais estabelecidos, mantidos ou modificados historicamente pelo grupo e pelas agências controladoras nas quais os sujeitos estão inseridos.

Um desafio para as pesquisas sobre atitudes é o fato de implicarem na definição de comportamentos encobertos os quais só o próprio sujei-

to tem acesso, destarte, instrumentos específicos precisaram de ser criados para tais investigações. Dois grupos de instrumentos se popularizaram na Psicologia, os que aferem medidas de atitudes explícitas e os que aferem medidas de atitudes implícitas. Instrumentos ou estratégias como questionários estruturados ou semiestruturados, entrevistas, escalas *likert* e grupos focais visam a aferir atitudes explícitas (Barnes-Holmes et al., 2006). Contudo, medidas de atitudes explícitas podem não fornecer dados confiáveis para afirmar que os participantes foram imparciais e congruentes em suas respostas. Nestas condições há implicações metodológicas acerca da confiabilidade em utilizar a introspecção como método fidedigno para verificar se os participantes acessam seus próprios estados privados ou estão em conflito em atender às expectativas sociais dos pesquisadores (Rudman, Greenwald, & McGree, 2001; Hughes et al., 2011). De acordo com a revisão de Nosek, Hawkins e Frazier (2011) para diminuir as interferências e dificuldades advindas dos resultados obtidos por medidas de atitudes explícitas pesquisadores desenvolveram instrumentos que aferem atitudes de forma implícita, o que elimina ou diminui o controle consciente dos participantes sobre as respostas.

Barnes-Holmes et al., (2010) caracterizam as atitudes explícitas como respostas relacionais extendidas e elaboradas (EERR – *Extended elaborated relational response*), pois o participante pode pensar, julgar e construir sua resposta de acordo com sua introspecção e nas perspectivas que pode assumir (e.g., o que o pesquisador pensa/pensará sobre esta resposta? O que se espera de mim? O que este grupo que eu estou julgando pensa sobre minha resposta?). As atitudes implícitas são compreendidas como respostas relacionais breves e imediatas (BIRR – *Brief Immediated Relational Response*), pois a pressão de tempo para responder (e.g., pressionar uma tecla do teclado do computador) e a obrigatoriedade em responder concordando e/ou discordando das relações apresentadas configuram contingências concorrentes ao controle consciente dos participantes sobre suas respostas abertas. Apresenta-se uma sucessão de pares de estímulos denominados alvo e rótulo (ex. mulher-forte, mulher-corajosa, mulher-fraca, mulher medrosa, homem-forte, homem-fraco, homem-corajoso, ho-

mem-medroso), com os quais os participantes devem concordar ou discordar pressionando tecla(s). A propriedade latência da resposta é aferida. Ao final de uma mensuração de atitudes implícitas os resultados podem ser lidos por meio dos vieses que os participantes apresentam, considerando as latências das respostas quando estavam concordando e/ou discordando sobre as relações apresentadas entre estímulo-alvo e rótulo. Por exemplo, vieses pró-masculino quando concordam mais rapidamente que as relações entre homens e adjetivos de força, audácia, coragem são mais coerentes do que os mesmos adjetivos com mulheres; vieses anti-feminino quando discordam mais rapidamente das relações entre mulheres adjetivos de força, audácia, coragem, e assim sucessivamente para vieses pró-feminino e anti-masculino. O IRAP permite identificar esses vieses a partir da diferença estatisticamente significativa entre as latências das respostas a as quatro condições que definem os vieses. Espera-se que a latência da resposta seja maior para relações entre estímulo-alvo e rótulo que não são consistentes com formulações verbais aprendidas; e que a latência da resposta seja menor para relações entre estímulo-alvo e rótulo que seja consistente com formulações verbais aprendidas (Greenwald & Lai, 2001; Hughes et al., 2011; Greenwald et al., 2002; Barnes-Holmes et al., 2010; Barnes-Holmes et al., 2006).

O IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*), é um instrumento que afere atitudes implícitas capturando uma propriedade da resposta, a latência. A preferência por cientistas do comportamento em usar o IRAP ocorre, pois, este instrumento não usa medidas relativísticas e se pode interpretar os resultados sem recorrer a estruturas internas como explicações causais (Barnes-Holmes et al., 2006; Golijani-Moghaddam, Hart, & Dawson, 2013; Barnes-Holmes et al., 2010; Hughes et al., 2011).

O IRAP é aplicado de forma informatizada, e composto por quatro conjuntos específicos de tarefas que aparecem na tela do computador. Dois conjuntos correspondem ao bloco de relações consistentes, e dois conjuntos ao bloco de relações inconsistentes. Relações consistentes e inconsistentes são baseadas nas regras culturais (e.g., mulheres-frágeis e homens-fortes são exemplos de relações consistentes, e mulheres-fortes e homens-frágeis

são exemplos de relações inconsistentes diante da cultura patriarcal, machista e cisheteronormativa). Exemplos dos quatro conjuntos de blocos são apresentados em uma sucessão de tarefas do mesmo formato com um estímulo-alvo e um estímulo-rótulo na tela do computador. Os participantes são instruídos a responder ora em concordância com as relações apresentadas ora em discordância com as mesmas relações. Antes de cada bloco de tentativas uma regra sinaliza quais relações estarão corretas e quais incorretas (Barnes-Holmes et al., 2006). De acordo com Barnes-Holmes et al., (2010) o IRAP deve apresentar blocos de treino e teste idênticos adotando como critério de acurácia mínima de 80% de acertos diante das condições de cada bloco, e as respostas devem ocorrer com latência (apresentação dos estímulos – pressão a tecla do computador) igual ou inferior a 2000ms. As letras “d” e “k” de um teclado de computador por estarem nas extremidades direita e esquerda são pressionadas para captar a concordância ou discordância da relação e geralmente não alteram sua função durante as tarefas. Durante as tarefas de treino um “X” aparece na tela caso o participante responda errado. Os participantes só avançam para os blocos de teste se mantiverem desempenho preciso e acurado nos blocos de treino. *Feedbacks* de desempenho são apresentados ao final de todos os blocos. Barnes-Holmes et al., (2010) apresentam a definição do *D-score* (medida extraída do IRAP), calculado com critérios específicos que permitem averiguar a variação das latências no responder entre os blocos consistentes e inconsistentes, bem como entre as tarefas internas de cada bloco. O resultado do IRAP é composto por *D-scores* referentes à pró-consistente, anti-consistente, pró-inconsistente e anti-inconsistente.

Aos analistas do comportamento estudar atitudes implícitas por meio de medidas como o tempo de latência em tarefas relacionais permite a produção de subsídios teóricos e metodológicos com vistas a compreender os efeitos de aprendizagem prévias sobre situações socialmente relevantes como: racismo, sexismo, lgbtfobia, classicismo, entre outros. A partir desta compreensão cabe planejar caminhos práticos para transformar realidades opressivas e injustas. Frente as múltiplas possibilidades de investigação de fenômenos sociais

complexos permitidas pelos resultados do IRAP, e tendo as questões de gênero como preponderantes para promoção de uma sociedade justa e igualitária, o objetivo deste estudo foi realizar uma revisão sistemática de literatura acerca das pesquisas analítico-comportamentais sobre atitudes implícitas de gênero mensuradas pelo IRAP com vistas a compreender a caracterização dos participantes, os instrumentos adotados além do IRAP, se foram realizadas comparações, os resultados obtidos e os desenhos experimentais utilizados nas investigações.

Método

Com a finalidade de apresentar um método claro de revisão de literatura, e procurar responder como tem sido conduzida a investigação científica sobre atitudes implícitas via IRAP acerca de vieses de gênero, optou-se pelas diretrizes internacionais PRISMA (Liberati et al., 2009). Esta revisão foi desenvolvida em quatro fases.

- **Fase 1: Levantamento bibliográfico** – A busca dos artigos deu-se entre 20 de fevereiro de 2020 à 20 de fevereiro de 2021 em três bases de dados: Periódicos CAPES; PubMed e *Web of Science*. Em todas as bases o filtro "article" foi selecionado para evitar o resgate de outros materiais. Os descritores e operadores booleanos utilizados foram "implicit relational assessment procedure" [and] "gender", não houve restrição de ano de publicação dos artigos. A primeira etapa da pesquisa consistiu na busca e organização de todas as publicações apresentadas pelas bases de dados. Ordenou-se os artigos por meio de seus títulos e ano de publicação. Não houve busca em materiais não publicados ou sem controle científico e bibliográfico (literatura cinzenta).

- **Fase 2: Seleção por meio de critérios** – Todos os resumos dos artigos encontrados na Fase 1 foram lidos na íntegra e foram selecionados com base nos critérios de inclusão e exclusão para compor a amostra (*n*) desta revisão. Como critérios de exclusão foram adotados (a) revisões de literatura, (b) artigos teóricos sobre atitudes implícitas, (c) estudos com agressores sexuais, violência de gênero e feminicídio, (d) estudos sobre práticas sexuais e

orientação sexual, (e) estudos que não utilizaram o IRAP como um dos instrumentos de avaliação de atitudes implícitas, (f) relatos sobre efeito de cursos e/ou treinamentos sobre saúde pública e comunidade LGBT, (g) estudos sobre atitudes implícitas gordofóbicas, racistas, xenofóbicas. Os critérios de elegibilidade (inclusão) foram (a) estudos empíricos sobre atitudes implícitas acerca de vieses de gênero que utilizaram o IRAP como pelo menos um dos instrumentos para avaliar atitudes implícitas, (b) o alvo da análise ter sido as atitudes implícitas com vieses de gênero, (c) estudos disponíveis para consulta em inglês, português e espanhol.

- **Fase 3: Acordo de fidedignidade** – A segunda autora realizou acordo de fidedignidade da busca e seleção dos artigos. A partir do conhecimento dos objetivos da revisão, dos critérios de inclusão e exclusão e de uma tabela na qual constavam os artigos excluídos e incluídos a pesquisadora realizou os seguintes passos: verificou se os mesmos artigos seriam resgatados em sua busca utilizando os mesmos descritores, operadores booleanos e bases de dados; verificou se os mesmos artigos seriam eleitos para análise após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Salienta-se que este percurso de seleção dos artigos foi o mesmo realizado pelo primeiro autor. Houve um índice de 100% de concordância entre os resultados do pesquisador e da pesquisadora externa calculados pela seguinte fórmula: $\text{concordância} / (\text{concordância} + \text{discordância}) * 100$ baseado em Kazdin (1982). Uma terceira pesquisadora acompanhou o processo para resolver discrepâncias.

- **Fase 4: Análise do material** – Utilizou-se o acrônimo PICOS (*participants*-participantes, *instruments*-instrumentos, *comparisons*-comparações, *outcomes*-resultados, *study design*-delineamento dos estudos) como estratégia de análise dos artigos selecionados para responder ao objetivo desta revisão (Liberati et al., 2019). Todos os artigos foram dispostos em uma tabela com as informações das categorias PICOS destacadas. Os dados extraídos dos artigos foram tratados de forma quantitativa, por meio de estatística descritiva, e qualitativa por meio de interpretações teóricas acerca do IRAP com base na Análise do Comportamento.

Resultados

De acordo com o percurso metodológico e os critérios de elegibilidade adotados, foram selecionados dez artigos para esta revisão. A Figura 1 apresenta o caminho metodológico de busca e seleção de material para revisão.

Dos 134 estudos encontrados 16 foram na plataforma *Web of Science*, 38 na *PubMed* e 80 Portal CAPES. Vinte e dois artigos foram eliminados por estarem duplicados em mais de uma base de busca. Os 112 artigos rastreados foram analisados por meio dos critérios de inclusão e exclusão; 102 fo-

ram excluídos devido a não correspondência com os critérios estabelecidos e dez artigos compuseram a amostra final para esta revisão.

Dentre os artigos selecionados o periódico com maior incidência de publicações foi *The Psychological Records* com 50% ($n = 5$) (Drake et al., 2010; Rabelo, Bortoloti & Souza, 2014; Cartwright et al., 2017; Errasti et al., 2019; Fleming, Foody & Murphy, 2020), seguido pelo *Journal of Contextual Behavioral Science* com 30% ($n = 3$) (Farrel, Cochrane & McHugh, 2015; Farrel & McHugh, 2017; Farrel & McHugh, 2020), um artigo no periódico *Gender Issues* (Drake, Primeaux & Thomas,

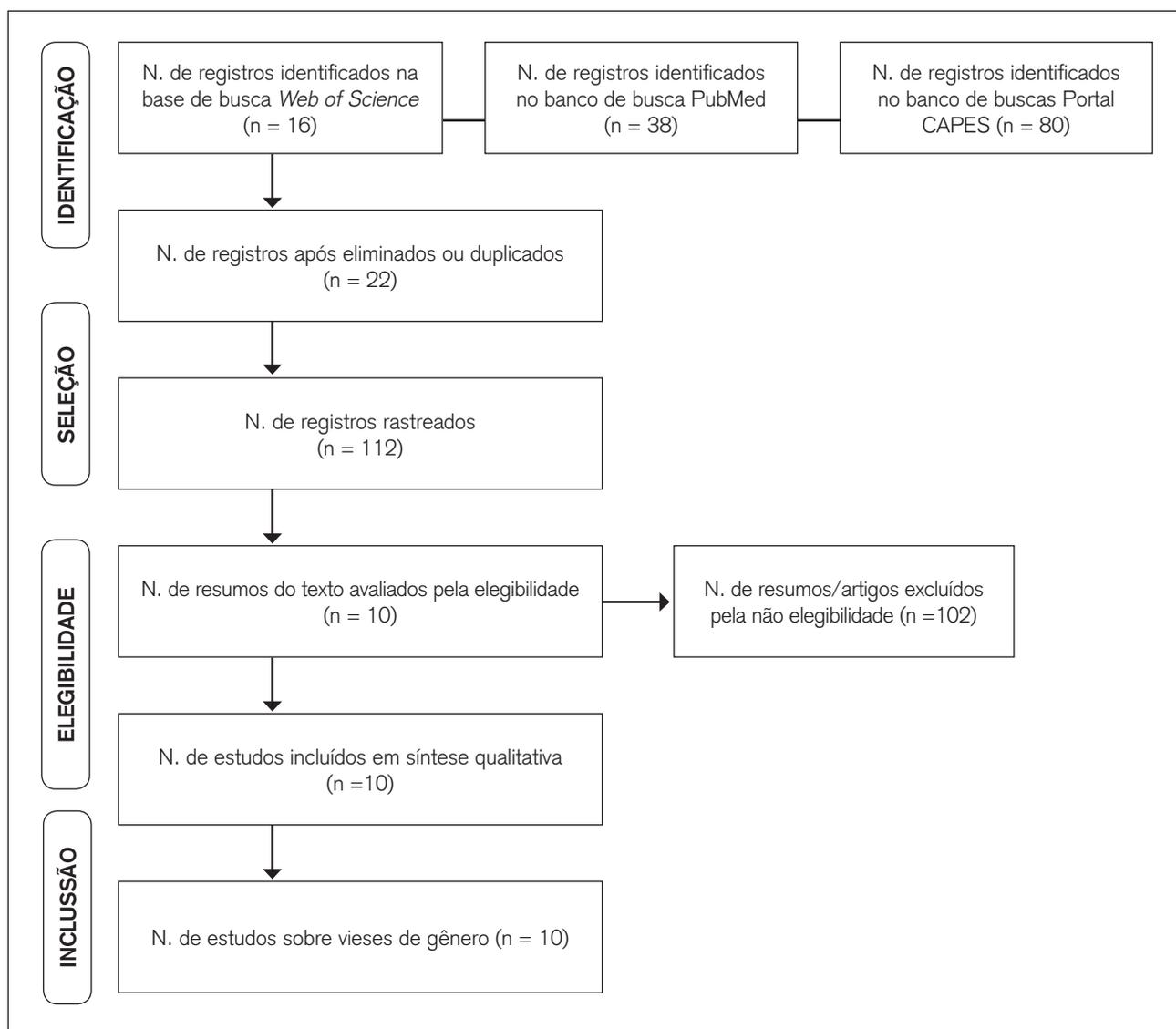


Figura 1. Fluxograma referente a busca realizada entre 20 de fevereiro de 2020 e 20 de fevereiro de 2021 com os descritores “Implicit Relational Assessment Procedure” [AND] “gender” nas bases de dados Web of Science, PubMed e Portal CAPES.

2018) e um artigo no *Social Psychology of Education* (Farrel, Nearchou & McHugh, 2020). É possível observar que a maior parte dos artigos encontrados são recentes e foram publicados nos últimos cinco anos entre 2015 e 2020 ($n= 8$).

Após uma análise geral das pesquisas encontradas os resultados desta revisão serão apresentados nas subseções “participantes”, “instrumentos” e “comparações, resultados e delineamento”. A Tabela 1 apresenta a síntese dos objetivos, aspectos metodológicos e resultados dos dez artigos considerados elegíveis para esta revisão.

Tabela 1. Síntese e caracterização (participantes, instrumento, comparações, resultados e delineamento) dos dez artigos encontrados pela busca sistemática realizada no primeiro trimestre de 2020.

Autores	Objetivos	Metodologia			Resultados
		Participantes (n)	Instrumentos	Delineamento	
Drake et al., (2010)	Estudo 3 avaliar vieses implícitos de gênero em atividades domésticas e profissões	16 estudantes universitário (NI* gênero); Idade média 19,7	Dois IRAPs	Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.)	Efeitos significativos de relacionar mulheres a tarefas domésticas femininas. Efeitos significativos em relacionar homens a profissões masculinas e mulheres a profissões femininas. Outras relações sem significância estatísticas
Rabelo, Bortoloti e Souza (2014)	Avaliar a aplicabilidade do IRAP em crianças sobre investigação de atitudes implícitas de gênero diante de brinquedos socialmente atribuídos à meninos ou meninas	9 crianças (4 meninas e 5 meninos); Idade média 8,7 anos	IRAP	Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.)	Significativo viés de gênero para as relações brinquedo masculino ao nome João e brinquedo feminino ao nome Maria. Contudo, houve maior facilidade em relacionar Maria a brinquedo masculino do que João a brinquedo feminino. Sem medida explícita
Farrel, Cochrane e McHugh (2015)	Examinar vieses de gênero sobre profissões STEM e comparar as medidas obtidas pelo IAT e pelo IRAP	32 estudantes universitários (16 masculinos e 16 femininos) e empregados da universidade; Idade média 23 anos	Escala de viés explícito, IRAP e IAT	Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.); comparação e correlação entre instrumentos	Significativo viés de gênero em relacionar homens a profissões STEM e mulheres às artes em ambas as medidas. Sem correlação significativa entre IAT e IRAP
Farrel e McHugh (2017)	Examinar vieses de gênero sobre profissões STEM e comparar as medidas obtidas pelo IAT e pelo IRAP	61 estudantes universitários (31 STEM, 30 não-STEM/ 30 feminino e 31 masculino); Idade média 22,5 anos	Escala de viés explícito, IRAP e IAT	Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.); comparação e correlação entre instrumentos	Significante viés de gênero-homem-STEM, mulheres-Artes em ambos os grupos, com maior viés de gênero nos homens-STEM. Mulheres-STEM também indicaram viés pró-mulher-STEM alto no IRAP. Anti-Homem-Artes confirmado por mulheres e homens-STEM e por homem não-STEM. A avaliação explícita mostrou vieses neutros. Há correlação entre scores IRAP-IAT e IRAP e medidas explícitas

<p>Cartwright et al., (2017)</p>	<p>Verificar o efeito de aplicar dois IRAPs diferentes um com adjetivos de valência positiva e outro de valência negativa. Comparação com uma escala explícita sobre as características esperadas para contratação de funcionários</p>	<p>47 estudantes universitários (26 feminino e 21 masculino); idade média 23,8 anos</p>	<p>MMS – <i>modern sexism scale</i>; HABS – <i>heteronormativity attitudes and beliefs scale</i>; questionário sobre resolução de problemas (contratação ou não de pessoas com estereótipos de gênero) e dois IRAPs</p>	<p>Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.); comparação e correlação entre instrumentos</p>	<p>Significante viés binarista de gênero, com homens apresentando maiores scores em “homem não relacionado a feminino”. Na tarefa de contratação universitários preferem funcionários com traços masculinos. Homens demonstraram significantes e maiores efeitos em sexismo e heteronormatividade nas escalas. Não houve correlação entre medidas explícitas e implícitas</p>
<p>Drake, Primeaux e Thomas (2018)</p>	<p>Explorar atitudes estereotipadas de gênero entre homens e mulheres, e avaliar a confiabilidade do IRAP</p>	<p>37 estudantes de universitários (12 feminino e 25 masculino); idade média 19,3 anos</p>	<p>ERS – <i>equalitarian roles scale</i>; IRAP</p>	<p>Teste e reteste do IRAP; avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.); comparação e correlação entre instrumentos</p>	<p>Viés de gênero para mulheres como emocionais e homens como dominantes em ambos os grupos de gênero. Resultado correlacionado com a escala explícita administrada. Homens apresentaram maiores scores de viés de gênero do que as mulheres quando comparados. No reteste do IRAP há modificação nas atitudes implícitas das mulheres (mulher-dominante desaparece no segundo IRAP), os homens mantem-se com o viés homem dominante no segundo IRAP, mas deixam de apresentar significância sobre os vieses referentes a mulheres</p>
<p>Errasti et al., (2019)</p>	<p>Investigar a influência de variáveis sociais situacionais (aplicação em grupo do mesmo gênero ou grupo de com gêneros misturados) sobre repostas relacionais de estereótipo de gênero no IRAP. Investigar as vantagens de aplicação do IRAP em grupos pequenos</p>	<p>51 estudantes universitários (30 feminino e 21 masculino); NI média intervalo entre 18-22 anos</p>	<p>IRAP</p>	<p>Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.) e entre situações de aplicação</p>	<p>Aplicações em grupos produzem maiores desgastes e perdas de participantes, homens e mulheres apresentam viés de gênero significativos em situações sociais de gênero separados</p>
<p>Farrel & McHugh (2020)</p>	<p>Examinar se vieses de gênero implícitos e explícitos seriam correlatos de comportamento de escolha sobre profissões STEM e Artes. Analisar os níveis de vieses implícitos de gênero entre os grupos de homens e mulheres STEM</p>	<p>50 (26 feminino; 24 masculino); idade média 21,5 anos</p>	<p>IRAP; Tarefa de seleção profissional</p>	<p>Avaliação de viés de gênero com comparação entre grupos (masc. e fem.) e comparação com resultados em tarefas de seleção profissional</p>	<p>Ambos os grupos com forte correlação pró-homem-STEM, as mulheres também apresentaram alto viés pró-mulher-STEM no IRAP. Nas medidas explícitas ambos os grupos apresentaram viés pro-Homem-STEM e pro-Mulher-Artes</p>

Fleming, Foody & Murphy (2020)	Comparar vieses de gênero sobre profissões STEM utilizando foto de crianças e adultos como estímulos modelo. Verificar o efeito de idade sobre os vieses de gênero relacionados a profissões STEM	33 (19 feminino; 14 masculino); idade média 20,7 anos	IRAP-adulto, IRAP-criança e <i>Carrer Suitability Rating Scale</i>	Avaliação de vieses de gênero sobre profissões STEM com fotos de crianças e adultos de ambos os gêneros. Comparação entre as medidas implícitas e entre medidas implícitas e explícitas	Em ambos os IRAPs não houve diferença dos vieses entre participantes de ambos os gêneros. IRAP adulto indicou forte viés de gênero pro-masculino sem viés negativo para mulher, e viés negativo para homem-artes. IRAP criança apresentou forte viés homem-STEM A relação entre os dois IRAP só foi verificada no viés anti-homem-artes. Não houve relação entre medida implícita e explícita estatisticamente
Farrel, Nearchou & McHugh (2020)	Avaliar o impacto de três intervenções breve sobre vieses implícitos de gênero acerca de profissões STEM	210 (58% feminino; 41,4 % masculino e 0,5% não-binário) idade média 23,4 anos	IRAP, Escalas de avaliação de atitudes explícitas, atividades específicas para as condições de ensino (Psicoeducação, Exemplo positivo e tomada de perspectiva)	Comparação dos efeitos de intervenções breve (Psicoeducação, Exemplo positivo e tomada de perspectiva) com grupo controle (sem intervenção). Grupos com participantes aleatoriamente distribuídos. Comparação entre IRAP pós-intervenção e IRAP após um dia de intervenção	O IRAP foi sensível para captar diferenças entre os grupos experimentais e controle acerca dos vieses de gênero e profissões. O grupo controle teve os maiores D-score com viés pró-homem-STEM em comparação com os grupos experimentais. Verificou-se efeito das intervenções com Psicoeducação e Exemplos Positivos sobre o viés pró-mulher-STEM. Os efeitos pós-intervenção não se mantiveram estáveis na segunda aplicação do IRAP (dia depois da intervenção). As autoras discutem as possíveis variáveis que afetaram os efeitos do IRAP pós-intervenção e no <i>follow-up</i>

Legenda: NI*, não informada.

Participantes

De acordo com a Tabela 1, as dez pesquisas selecionadas reuniram ao todo, 546 participantes sendo 16 sem gênero identificado, 1 participante não binário, 285 do gênero feminino e 244 do gênero masculino. Apenas nove participantes foram crianças com idade média de 8,7 anos (Rabelo, Bortoloti, & Souza, 2014). Nas demais publicações a menor idade média dos participantes foi 19,3 anos (Drake, Primeaux, & Thomas, 2018), e a maior idade média foi 23,8 anos (Cartwright et al., 2017). A pesquisa de Errasti et al., (2019) não apresentou as médias aritméticas das idades dos participantes. Com exceção da pesquisa de Rabelo, Bortoloti e Souza (2014), todos os estudos foram realizados majoritariamente com estudantes universitários. As pesquisas de Farrel, Cochrane e McHugh (2015) e Farrel, Nearchou e McHugh (2020) apresentaram quatro

e 21 participantes voluntários não universitários respectivamente, amostrados por conveniência. Houve perdas de participantes devido ao não atendimento dos critérios de acurácia e precisão em 80% ($n = 8$) das pesquisas; as pesquisas de Drake et al., 2010 e Farrel, Cochrane e McHugh (2015) não informaram perdas de participantes.

Instrumentos

Das pesquisas selecionadas 70% ($n = 7$) utilizaram variadas medidas explícitas como escalas e questionários para captar vieses de gênero. As características das medidas explícitas utilizadas não serão analisadas por excederem o escopo deste artigo. Analisou-se as principais características do IRAP em cada pesquisa, e a Tabela 2 apresenta uma síntese dos critérios, composição dos blocos e dos estímulos

Tabela 2. Descrição das configurações e dos estímulos utilizados nas tarefas do Implicit Relational Assessment Procedure utilizados na amostra de estudos desta revisão de literatura.

Estudos	CrITÉRIOS IRAP	Blocos	EstÍmulos-modelo	EstÍmulo-comparação
Drake et al., (2010)	>=65% acurácia, <=3000ms	2 blocos de treino e 8 de teste para cada IRAP	Male e Female *	IRAP 1 – Masculino <i>automobile maintenance, talking out the trash, chooping wood, weed eating, lawn mowing, ranking</i> ; Feminino <i>cooking, dusting, ironing, mopping, sewing</i> ; IRAP 2 – Masculino: <i>builder, farmer, truck driver</i> , Feminino: <i>nurse, school teacher, secretary</i>
Rabelo, Bortoloti e Souza (2014)	>=70% acurácia, <=3000ms lat	2 blocos de treino, 6 blocos de teste	Figura de brinquedo feminino (bonecas) e masculino (carrinhos)	Maria e João
Farrel, Cochrane e McHugh (2015)	>=85%acurcia, <=3000mslat	2 a 8 blocos treino, 6 blocos de teste	“men better at” e “women better at”	Profissões: STEM – <i>science, engeneerie, math, physical, computation, chimestry</i> ; Artes – <i>arts, history, music, geography, theatry, english</i>
Farrel e McHugh (2017)	>=80% acurácia e <=2000ms lat	2 a 8 blocos de treino; 6 blocos de teste	“Men more suited to” e “Women more suited to”	Profissões: STEM – <i>science, engeneerie, math, physical, computation,;</i> Artes – <i>arts, history, music, geogra-phy, theatry, english</i>
Cartwright et al., (2017)	>=78% acurácia, <=2000ms lat.	4 blocos de treino e 4 blocos de teste com 32 tentativas cada bloco	Men e Women	(Valencia positiva) homem: <i>witty, charismatic, compe-titive, decisive</i> , mulher: <i>nurturing, gentle, affectionate, sensitive</i> . (Valencia negativa) homem: <i>aggressive, une-motional, insensitive, arrogant</i> , mulher: <i>bitchy, insecure, bossy, helpless</i>
Drake, Primeaux e Thomas (2018)	> = 80% acurácia, <=2000ms	4 blocos de treino; 6 blocos de teste	Female, Women, Male, Men.	Pro-feminino – <i>gentle, sensitive, emotional</i> ; Pro-masculino – <i>forceful, dominant, logical</i>
Errasti et al., (2019)	>=90% acertos, <=2000ms	4 blocos de treino e 2 blocos de teste	yo ou hombres (para homens); yo ou mujeres (para mulheres)	Feminino - <i>Muy atrativa (o), poco lanzada(o),muy sexual, muy provocadora(o), insegura(o), débil, dependien-te, preocupada(o)</i> ; masculino – <i>poco atractivo(a), muy lanzado(a), poco sexual, poco provocador(a), seguro(a),fuerte, independiente, despreocupado(a)</i>
Farrel e McHugh (2020)	>=80% acerto, <=2000ms	2 à 8 blocos de treino, 6 blocos de teste	“Men more suited to” ... e “Women more suited to”	Profissões: STEM – <i>science, engeneerie, math, physical, computation, chimestry</i> ; Artes – <i>arts, history, music, geography, theatry, english</i>
Fleming, Foody & Murphy (2020)	>=80% acerto, <=2100ms	2 à 4 blocos de treino, 6 blocos de teste.	Fotos de mulheres e homens adultos e crianças	Profissões STEM (<i>Scientis, engineer, mathematician, IT specialist, Physicist, Biochemist</i>), profissões não-STEM (<i>librarian, teacher, childminder, journalist, Nurse, Social worker</i>)
Farrel, Nearchou, McHugh (2020)	>=80% acerto, <=2000ms	2 à 8 blocos de treino, 6 blocos de teste	“Women more suited to” ou “Men more suited to”	Profissões: STEM – <i>science, engeneering, math, phy-sics, computation,;</i> Artes – <i>arts, history, music,, theatry, french, english</i>

Legenda: *optou-se pela não traduo dos estímulos textuais utilizados para evidenciar os estímulos originais utilizadas pelos autores.

Como critério para proceder com a análise dos dados 70% ($n = 7$) dos estudos adotaram o mínimo 80% de respostas corretas em um intervalo de tempo menor ou igual a 2000ms nas tarefas de treino e teste do IRAP. Todas as pesquisas utilizaram ao menos dois blocos de treino e variaram a quantidade de bloco de testes, destaca-se que os blocos do IRAP são divididos em dois sub-blocos com tarefas consistentes e não-consistente.

Com exceção das pesquisas de Rabelo, Bortoloti e Souza (2014) e Fleming, Foody e Murphy (2020), todas utilizaram estímulos textuais, palavras ou frases, como estímulos alvo e rótulo nas configurações do IRAP. Sobre os estímulos textuais utilizados 60% ($n = 6$) dos estudos utilizaram profissões e atividades domésticas (Drake et al., 2010) ou profissões STEM¹ e não-STEM (Farrel, Cocchrane, & Mchugh 2015; Farrel & McHugh 2017; Farrel & McHugh, 2020, Farrel, Nearchou, & McHugh, 2020; Fleming, Foody, & Murphy, 2020). As pesquisas de Cartwright et al., (2017), Drake, Thomas e Primeaux (2018) e Errasti et al., (2019) utilizaram adjetivos qualificadores de traços de personalidade como estímulos-rótulo nas tarefas do IRAP. Fleming, Foody e Murphy (2020) fizeram uso de fotos de crianças e adultos de ambos os gêneros, e Rabelo, Bortoloti e Souza (2014) utilizaram fotos de brinquedos "masculinos" (e.g., carrinho) e "feminino" (e.g., boneca) como estímulo alvo.

Comparações, Resultados e Delineamento

Todas as pesquisas encontraram vieses implícitos de gênero por meio dos resultados obtidos pelo *D-score* do IRAP. A significância dos resultados se deu por tratamento estatístico e não por inspeção visual dos dados. Os resultados do Estudo 3 de Drake et al., (2010) indicaram vieses implícitos de gênero ao relacionar "mulher" com tarefas domésticas socialmente estabelecidas (e.g., cozinhar e passar roupas). As relações entre o estímulo modelo "mulheres" com tarefas domésticas masculinas, e o estímulo modelo "homem" com tarefas domésticas masculinas e femininas não apresentaram vieses significativos.

A pesquisa de Rabelo, Bortoloti e Souza (2014) com crianças evidenciou forte viés implícito da relação "meninas" e "bonecas". Destacou-se nesta pesquisa que há maior latência para relação "meninos" e "boneca" do que para a relação "meninas" e "carrinho". Os resultados indicaram maior inflexibilidade quanto aos brinquedos "femininos" estarem relacionados aos meninos do que os brinquedos "masculinos" estarem relacionados às meninas. As autoras discutem isso a partir do efeito da aprendizagem prévia acerca das regras, permissões e proibições, no que concerne à escolha de brinquedos por meninas e meninos.

Cartwright et al., (2017) investigou a relação entre os vieses implícitos de gênero por meio das relações entre masculino e feminino e características de comportamento socialmente definidas como traços de personalidade inerentes a cada gênero. Os resultados indicaram significante viés de gênero, isso é os participantes responderam mais rápido frente a relações entre estímulos de acordo com as regras sociais (e.g., homens-competitivos e mulheres-sensíveis). Ao comparar a força do viés de gênero entre os grupos de estudantes masculinos e femininos, estudantes masculinos apresentaram viés de gênero significativamente maior do que estudantes femininas. A medida explícita sobre as características necessárias para contratação de um/a funcionário/a indicaram preferência pelas características socialmente definidas como masculinas. Nesta pesquisa não se encontrou correlação entre os resultados obtidos por medidas implícitas e explícitas.

Os resultados de Drake, Primeaux e Thomas (2018) evidenciaram vieses implícitos de gênero em homens e mulheres relacionando mulheres a categorias definidas como emocionais e homens a racionais. Quando comparado a força dos vieses de gênero entre os grupos, os homens apresentaram resultados significativamente maiores do que as mulheres, indicando que para os homens a relação binária de oposição entre os gêneros é mais forte.

A pesquisa de Errasti et al., (2018) apresentou a comparação de vieses implícitos de gênero em duas condições de aplicação do IRAP, grupo misto (i.e., homens e mulheres na sala de aplicação) e grupo não-misto (i.e., só homens ou só mulheres na sala de aplicação). Houve vieses implícito de gênero em

1 O acrônimo em inglês STEM refere-se a profissões socialmente relacionadas ao gênero masculino como ciência (*Science*), tecnologia (*Technology*), engenharia (*Engineering*) e matemática (*Math*).

ambos os grupos (i.e., homens relacionados a independência, timidez e força e mulheres a sensualidade, fraqueza e insegurança). Entretanto, grupos não-misto apresentaram maior viés de gênero em comparação com os grupos mistos, indicando um possível efeito do grupo social e as possíveis regras e expectativas sociais associadas a configuração dos grupos sobre os resultados obtidos durante a aplicação do IRAP.

Farrel, Cocchrane e McHugh (2015), Farrel e McHugh (2017, 2020), Fleming, Foody e Murphy (2020) e Farrel, Nearchou e McHugh (2020) investigaram a relação entre gênero e profissões STEM e não-STEM (artes/humanidades). Nas quatro pesquisas evidenciou-se forte viés de gênero para pró-homens-STEM e pró-mulheres/não-STEM e anti-homens/não-STEM (artes/humanidades). Farrel, Cochran e McHugh (2015) compararam as medidas do IAT e do IRAP e verificaram que em ambas as medidas implícitas houve viés de gênero pró-Homem-STEM e pró-mulher-artes em participantes homens e mulheres. As autoras defendem o uso do IRAP devido a possibilidade de medidas mais refinadas como o viés pró-homen-artes também apresentado pelas participantes mulheres. Em Farrel e McHugh (2017) os grupos de universitários eram mulheres e homens graduandos em cursos STEM, e mulheres e homens graduandos em cursos não-STEM. Os resultados indicaram que as mulheres-STEM apresentaram viés pró-mulheres-STEM, ou seja, relacionaram rápido mulheres a profissões STEM. Observou-se também um viés anti-homem/não-STEM em homens e mulheres de cursos STEM. Este viés anti-homem/não-STEM foi verificado também nos homens estudantes de cursos não-STEM. Os participantes da pesquisa de Farrel e McHugh (2020) foram estudantes STEM e apresentaram viés de gênero pró-homens-STEM. Contudo, as estudantes mulheres também apresentaram um viés pró-mulheres-STEM, corroborando com os dados anteriores das autoras (Farrel & McHugh, 2017).

Fleming, Foody e Murphy (2020) investigaram a sobreposição entre vieses de gênero e idade, uma vez que pesquisas têm apresentado que há variação nos vieses de gênero quando outras categorias sociais são apresentadas juntas. Nesta pesquisa os participantes foram estudantes universitários que

realizaram dois IRAPs, nos quais o primeiro foi configurado com fotos de adultos homens e mulheres e outro com foto de crianças meninos e meninas. Tais estímulos-alvo foram relacionados a profissões STEM e Artes. Os resultados indicaram forte viés de gênero dos universitários frente as fotos de pessoas adultas pró-homem-STEM e anti-homens-Artes. Os resultados do IRAP com fotos de crianças indicaram viés pro-homens-STEM, contudo não foi detectado vieses como anti-homens-artes e anti-mulheres-STEM. As pesquisadoras discutiram que nesta pesquisa foi detectado menor enviesamento de gênero relacionado a profissões quando os estímulos são fotos de crianças.

A pesquisa de Farrel, Nearchou e McHugh (2020) foi a única que investigou a modificação de vieses implícitos por meio de intervenções breves. As autoras compararam os resultados do IRAP entre grupos de participantes distribuídos aleatoriamente entre: grupo controle (não recebeu nenhuma intervenção), grupo psicoeducação (apresentação diretiva sobre a não existência científica de determinação das mulheres a profissões não-STEM ou a incapacidade de mulheres atuarem em profissões STEM), grupo exposição de exemplos positivos (apresentação de fotos e pequeno textos com mulheres que foram muito bem sucedidas em profissões STEM, mas não são reconhecidas) e grupo tomada de perspectiva (escrever um pequeno texto sobre como seria a vida de uma mulher cientista, a partir de uma foto ilustrativa). O IRAP foi aplicado após a intervenção breve para os grupos experimentais e uma atividade relacional arbitrária sem correspondência ao tema da pesquisa foi aplicada ao grupo controle. Os resultados indicaram que a intervenção ao grupo submetido a psicoeducação e a exposição a exemplos positivos apresentaram viés pró-mulher-STEM maior que o grupo controle. O grupo controle apresentou o maior viés pró-homem-STEM quando comparado aos demais grupos. O IRAP foi reaplicado um dia após a intervenção e os efeitos encontrados logo após a intervenção diminuíram para os grupos experimentais. As autoras discutem sobre as limitações de intervenções pontuais sobre atitudes implícitas, a necessidade de intervenções sociais longitudinais e os efeitos de cada uma das intervenções sobre as respostas dos participantes.

As pesquisas de Farrel e McHugh (2017), Drake Primeaux e Thomas (2018) encontraram correlações estatísticas significantes entre as medidas implícitas e explícitas. Farrel, Cochrane e McHugh (2015) encontraram correlação estatística entre o IAT (*Implicit Assessment Test*) e medida explícita, mas sem correlação entre IRAP e IAT, e IRAP e medida explícita. Cartwright et al., (2017), Fleming, Foody e Murphy (2020), Farrel e McHugh (2020) não encontraram correlações estatísticas entre IRAP e medidas explícitas. Drake et al., (2010), Rabelo, Bortoloti e Souza (2014) e Errasti et al., (2019) não utilizaram medidas explícitas. Com exceção de Farrel, Nearchou e McHugh (2020) todas as pesquisas apresentadas na Tabela 1 adotaram um delineamento quase-experimental uma vez que a amostra de participantes não foi aleatória.

Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar uma revisão sistemática de literatura sobre atitudes implícitas e vieses de gênero mensuradas pelo IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*). Buscou-se nos artigos encontrados analisá-los por meio dos participantes, instrumentos, comparações, resultados e delineamentos experimentais utilizados, com vistas a caracterizar as investigações nesta área do conhecimento circunscrevendo avanços e possíveis desdobramentos futuros.

Todos os artigos encontrados foram publicados entre 2010 e 2020, embora não se tenha limitado ano como critério para a recuperação dos artigos. Este resultado mostra que as investigações sobre vieses de gênero por meio do IRAP são recentes. Szabo (2020) indica a necessidade de a Análise do Comportamento desenvolver pesquisas e programas de intervenção acerca da diversidade e equidade humana (em específico gênero, sexualidade, raça, etnia e outros marcadores sociais) como política desta comunidade científica frente às lutas contra opressão enfrentadas por grupos minoritários. O aumento nos últimos dez anos de pesquisas sobre gênero e Análise do Comportamento parece seguir as considerações de Szabo (2020). Além disso, Ruiz (1998) já sinalizou que as lutas feministas se iniciaram antes do surgimento do behaviorismo radical

enquanto disciplina científica. Portanto, é responsabilidade das/os cientistas comportamentais aproximarem suas investigações e contribuições tecnológicas da proposta feminista de luta por igualdade de direitos e respeito a diversidade humana (Ruiz, 2003). Uma das tarefas para transformação social indicadas por Baires e Koch (2019) para eliminar o sexismo (preconceito baseado no pressuposto de que o gênero masculino é superior e dominante ao gênero feminino) é ampliar as pesquisas analítico-comportamentais sobre o tema, incluindo aquelas que contornem as falhas metodológicas de instrumentos que produzam medidas explícitas, incluindo instrumentos que obtenham medidas implícitas. Deste modo, investigar as atitudes implícitas e os vieses de gênero pode ampliar o conhecimento científico sobre os efeitos dos condicionamentos sociais na produção de vulnerabilidade de grupos específicos (e.g., mulheres, comunidade preta, comunidade indígena, comunidade LGBTQIA+ e outros). Aferir atitudes implícitas pode oferecer certa compreensão sobre a eficácia das estratégias sociais utilizadas até o momento para enfrentar o preconceito e a discriminação baseada em gênero e indicar novas possibilidades interventivas (Farrel, Nearchou & McHugh, 2020). Sobretudo, a utilização do IRAP enquanto instrumento é favorável em pesquisas de atitudes sob enfoque analítico-comportamental, pois este instrumento é sensível para capturar vieses como mulheres-fracas e homens-fortes, como também vieses opostos, homens-fracos e mulheres-fortes, em uma mesma avaliação.

Rudman, Greenwald e McGhee (2001) sugeriram – com base em dados empíricos de atitudes implícitas – que, embora os movimentos sociais feministas e a luta por direitos igualitários tenham modificado as relações de trabalho e inserção da mulher na esfera pública, os efeitos destas conquistas sobre as atitudes implícitas da população em geral não acompanharam as modificações políticas. As autoras também verificaram um efeito intra-grupal entre homens e mulheres em relacionarem seus respectivos gêneros de forma positiva em detrimento do gênero oposto. Estas atitudes implícitas binárias de gênero podem manter relações sociais perigosas para mulheres, expressas nos números altos de feminicídio (Instituto Brasileiro de Direito de Família [IBDFAM], 2020), bem como para po-

pulação transgênera, pessoas *queer* e pessoas não-binárias, vide os índices de assassinatos transfóbicos no Brasil (Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA], 2020).

Outro dado de destaque desta revisão foi que os homens de todas as pesquisas com adultos apresentaram uma força relacional (viés de gênero) significativamente maior do que as mulheres nas tarefas inconsistentes do IRAP sobre gênero (relacionar mulheres a adjetivos ou profissões não-confórmicas às regras sociais). Pode-se explicar este fenômeno para além do efeito de identidade intragrupal como homens favorecendo homens e mulheres favorecendo mulheres como em Myers (2014). Baires e Koch (2019) indicam que as transformações nas contingências sociais promovidas a partir das lutas feministas podem ter ampliado as oportunidades de aprendizagens das mulheres para serem como inadequadas as relações opressivas de gênero e os efeitos das determinações sociais restritivas ao gênero feminino sobre suas vidas. Este dado pode indicar caminhos de investigação científica como: o efeito da identidade pessoal frente as condições intra e intergrupais sobre as atitudes, os meios de perpetuação da cultura machista para manutenção da relação assimétrica entre os gêneros na busca por profissionalização, o papel da conscientização das mulheres e grupos minoritários na luta por ampliação de direitos sociais uma vez que são mais prejudicados pelos vieses negativos de gênero.

Uma vez que os resultados obtidos das tarefas relacionais do IRAP “estímulo alvo-estímulo rótulo” que estão em inconformidade com as regras sociais demonstram um D-score (medida de viés) mais fortes para homens, ou seja, denotando as relações sexistas, sugere-se que estratégias específicas devem ser elaboradas na direção de transformar as atitudes implícitas e explícitas deste grupo. Ademais, Nicolodi e Arantes (2019) discorrem como o patriarcado enquanto uma agência controladora opressora opera de forma pervasiva em diversas contingências sociais para manter as relações de poder e privilégio dos homens e do masculino sobre as mulheres. O pertencimento e a identificação de alguns homens com o patriarcado, bem como os benefícios (reforçadores positivos) das práticas culturais derivadas deste sistema podem ser desestabilizados e perdidos ao assegurar acesso

e igualdade a todas as pessoas para além do gênero masculino. Esta situação pode ser uma outra hipótese para a presença de maior viés de gênero nos homens do que nas mulheres.

No que se refere ao IRAP enquanto um instrumento de pesquisa útil, 70% das pesquisas encontradas adotaram os critérios estabelecidos por Barnes-Holmes et al., (2010) de mínimo 80% de acurácia nas respostas com latência igual ou menor a 2000ms em latência. Apenas 30% dos estudos utilizaram outros parâmetros, sendo que Rabelo et al., (2014) investigou atitudes implícitas de crianças e o tempo de latência estabelecido por Barnes-Holmes et al., (2010) precisou ser ampliado devido às características da população. Uma hipótese para o uso de outros parâmetros é a característica dos participantes e a necessidade de adaptação do instrumento para evitar exclusões. O uso padronizado das medidas amplia a validade do instrumento devido a validação dos parâmetros para análise; contudo estes critérios podem ser determinantes das perdas de participantes verificado em 80% dos estudos devido à alta exigência de performance.

Ademais, o uso de estímulos textuais como palavras impressas nas tarefas relacionais do IRAP tem sido mais frequente nas pesquisas. Somente as investigações de Rabelo, Bortoloti e Souza (2014), com participantes crianças, e Fleming, Foody e Murphy (2020) utilizaram fotos/figuras como estímulo-alvo. Talvez a escolha por palavras impressas ao invés de fotos/figuras se dê pelo aparente controle discriminativo obtido pela palavra impressa, uma vez que fotos e figuras podem controlar o responder dos participantes por características estranhas que não o alvo da investigação. Reflete-se aqui que as palavras, como os adjetivos “masculino”, “feminino” e os substantivos “homem”, “mulher” são aprendidas pelas contingências sociais nas quais os participantes estão inseridos o que pode levar a usos/significados diferentes para cada participante. Destacando que Skinner (1957) apresentou um modelo seletivista e funcionalista de linguagem na qual o significado das palavras está nos usos e não nas palavras *per se*. Frente a esta situação salienta-se a importância da caracterização destes participantes para uma compreensão mais refinada das respostas apresentadas com base em suas histórias de reforçamento diante de suas comunidades socioverbais.

Desde as primeiras investigações sobre atitudes implícitas buscou-se estabelecer relações entre estas e as medidas explícitas (Greenwald & Lai, 2001). Nesta revisão sete pesquisas fizeram uso de instrumentos explícitos, mas somente três verificaram correlação estatisticamente significativa entre as medidas implícitas-explicitas. A Análise do Comportamento tem larga projeção científica com o uso de delineamentos de sujeito único. Esta escolha metodológica se dá pela natureza do objeto de estudo, o comportamento. Por meio de uma compreensão operante explica-se o porquê de algumas pesquisas não apresentarem correlação entre medidas explícitas e medidas implícitas. Cada tipo de aferição mede um comportamento específico, uma resposta relacional estendida e elaborada (medidas explícitas) ou breve e imediata (medidas implícitas) (Barnes-Holmes et al., 2010). Estas respostas diferenciam-se topograficamente (relato verbal *versus* pressão de um botão) e funcionalmente (controle pela audiência *versus* controle por regras), e estarem relacionadas entre si é uma possibilidade, mas não uma condição para serem emitidas, pois são controladas por contextos diferentes e muitas vezes foram aprendidas em situações distintas. Deve-se observar que ambas as medidas, explícitas e implícitas, são importantes para compreensão de fenômenos sociais complexos, bem como o planejamento de intervenções futuras para transformação social. As pesquisas revisadas não apresentaram evidências de que as respostas implícitas pró-masculino e anti-feminino são preditoras de comportamentos discriminatórios e violentos. Destaca-se que os estudos desta pesquisa não focaram em violência contra mulher. Porém, Eckhardt e Crane (2014) verificaram que atitudes implícitas positivas sobre a violência e negativas sobre mulheres são preditoras de reincidência e dificuldade de engajamento em tratamento de homens agressores. Em geral, o que se verifica por meio das medidas implícitas é o efeito de sofisticadas contingências de ensino culturalmente arranjadas para estabelecer e fortalecer as relações simbólicas entre a classe de estímulos masculino e feminino.

A pesquisa de Farrel, Nearchou e McHugh (2020) foi a única a investigar a possibilidade de modificação de atitudes implícitas de gênero por meio de intervenções breves, psicoeducação, exem-

plos positivos e tomada de perspectiva. Embora, tenham obtido resultados sobre a possibilidade de modificação das atitudes logo após as intervenções, as autoras evidenciaram que no *follow-up* (um dia após primeira aferição) houve diminuição dos efeitos. Argumenta-se nesta pesquisa sobre a necessidade de refinamento metodológico das intervenções e modificações substanciais na sociedade (maior exposição à programas de ensino que apresentem relações de gênero igualitárias) podem oferecer maiores chances de sucesso na modificação de atitudes implícitas.

Uma das limitações encontradas nos estudos amostrados por esta revisão é a caracterização mínima dos participantes frente a outros marcadores sociais além de gênero, como raça, etnia, orientação sexual e classe social. Sabendo que todos os comportamentos são aprendidos e mantidos por meio das contingências de reforçamento e sendo tais contingências diferentes para os diversos grupos sociais, ao destacar de forma clara quem são os homens e mulheres que estão respondendo aos instrumentos pode-se verificar se há ou não variações nas respostas dos participantes frente às condições socioculturais às quais estão submetidos. Destaca-se em nove pesquisas os participantes foram universitários, o que pode dificultar generalização e caracterizações das atitudes implícitas da população em geral. Somente uma pesquisa investigou as atitudes de crianças (Rabelo, Bortoloti, & Souza, 2014) e nenhuma apresentou participantes idosos. É compreensível que atividades informatizadas e os critérios de validade por meio do tempo de resposta possam ser inadequados para populações muito jovens ou muito idosas. Contudo, ao incluir tais populações poder-se-á identificar se há estabilidade das atitudes sobre gênero em todas as faixas etárias, bem como identificar variações intergeracionais. Sobretudo marcadores sociais como orientação sexual, raça e classe social devem ter mais proeminência na caracterização de estudos sobre viés de gênero, uma vez que tais grupos apresentam uma vulnerabilidade maior por não corresponderem aos padrões cisheteronormativos da sociedade (Akotirene, 2019; Ribeiro, 2017).

A partir da caracterização realizada por esta revisão sobre as pesquisas acerca de vieses de gênero mensurados pelo IRAP pode-se empreender indi-

cações para futuras investigações como (a) uso de medidas eletrofisiológicas como N400 pode identificar padrões elétricos diferentes quando pessoas realizam tarefas nas quais precisam responder a estímulos relacionados ou não relacionados como na pesquisa de Power; Harte; Barnes-Holmes; Barnes-Holmes (2017) sobre vieses raciais, (b) obter respostas de participantes advindo de comunidades oprimidas como LGBTQIA+ e comunidade negra, (c) tecer relações teóricas e metodológicas com os estudos analítico-comportamentais sobre comportamento simbólico com o efeito de treinos de equivalência sobre as atitudes implícitas, (d) desenvolver pesquisas acerca da relação entre as atitudes implícitas, as atitudes explícitas e comportamentos violentos com vistas a elaboração de intervenções para eliminação destes na sociedade.

A pretensão desta revisão foi a caracterização do uso do IRAP para medir vieses implícitos de gênero, contudo sabe-se que o IRAP é uma das muitas medidas implícitas (Nosek, Hawkins, & Farzier, 2011). Futuras revisões podem integrar os resultados advindos de outras medidas implícitas e comparar a performance deste na investigação de vieses de gênero. Além disso, realizar busca em bases de dados com funcionamento algorítmico específico pode não captar pesquisas que não estão disponíveis nestas bases. Uma limitação desta pesquisa advém de possíveis erros humanos em organização, categorização, interpretação dos dados obtidos. Frequentes revisões devem ser realizadas para atualizações do estado da arte que se encontram as investigações científicas sobre o fenômeno das atitudes implícitas e seus impactos nas relações sociais.

No momento de busca e confecção deste artigo o mundo vivencia a pandemia de COVID-19 que intensificou as injustiças sociais às quais determinados grupos sociais estão submetidos cotidianamente. De Lara e Arellano (2020) apontam a necessidade de olhar para a vulnerabilidade das mulheres à violência doméstica diante do isolamento social. Também Salerno, Willians e Gattamorta (2020) e Cohen e Bosk (2020) apontam para as violências que jovens *queer*, não conformes com as regras de gênero estão submetidos durante o isolamento social.

Tendo em vista que tais vulnerabilidades marcadas pelo gênero são sobrepostas a diversos outros marcadores sociais (e.g., raça, etnia, orientação

sexual, classe social, idade) e que em situações de calamidade pública as tensões sociais e as opressões tendem a aumentar, a Análise do Comportamento pode empreender esforços para intervir em prol das comunidades oprimidas, tomando à perspectiva das maiorias populares sinalizadas por Martin-Baró (1996). Ainda que medir atitudes implícitas possa não transformar diretamente realidades sociais, uma ação coordenada da comunidade analítico comportamental com pesquisas básicas, aplicadas, teóricas e translacionais pode oferecer ao poder público tecnologias comportamentais (Baer, Wolf, & Risley, 1968) eficazes para reverter problemas sociais mantidos pela cultura e pelas instituições que controlam os acessos à reforçadores à determinados grupos em detrimento de outros (Holland, 1978).

De acordo com Ruiz (2003) o gênero é um marcador social que afeta pervasivamente contingências socioverbais estabelecendo relações de dominação contra todas as mulheres e os símbolos ligados ao feminino. Para a autora direcionar as investigações analítico comportamentais a este fenômeno, além de dirimir os efeitos opressivos sobre o gênero feminino, pode aumentar a eficiência das práticas de analistas do comportamento em diversos outros âmbitos.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020). Boletim nº05/2020 – 01 de janeiro a 3 de outubro de 2020. Assassinatos contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91-97. 10.1901/jaba.1968.1-91
- Baires, N. A., & Koch, D. S. (2019). The female is female (and behavior analysis): a behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. *Behavior Analysis in Practice*, 13(1), 253-262.

- <https://doi.org/10.1007/s40617-019-00394-x>
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you really know what you believe? Developing the implicit relational assessment procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychology*, 32(7), 169-177.
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Stewart, I., & Boles, S. (2010). A sketch of the implicit relational assessment procedure (IRAP) and the relational elaboration and coherence (REC) model. *The Psychological Record*, 60, 527-542. <https://doi.org/10.1007/BF03395726>
- Barnes-Holmes, D., Murphy, A., Barnes-Holmes, Y., Stewart, Y. (2010). The implicit relational assessment procedure: exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotypings among white Irish individuals. *The Psychological Records*, 60, 57-79. <https://doi.org/10.1007/BF03395694>
- Butler, J. (2010/2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cartwright, A., Hussey, I., Roche, B., Dunne, J., & Murphy, C. (2017). An investigation into the relationship between the gender binary and occupational discrimination using the implicit relational assessment procedure. *The Psychological Record*, 67, 121-130. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0212-1>
- Cohen, R. I. S., & Bosk, E. A. (2020). Vulnerable youth and the COVID-19 pandemic. *Pediatrics*, 146(1), 1-9. <https://doi.org/10.1542/peds.2020-1306>
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos.
- Cooper, L. A., Roter, D. L., Carson, K. A., Beach, M. C., Sabin, J. A., Greenwald, A. G., & Inui, T. S. (2012). The associations of clinicians' implicit attitudes about race with medical visit communication and patient rating of interpersonal care. *Am. J. Public Health*, 102(5), 979-989.
- De Lara, A. M., & Arellano, M. J. M. (2020). The COVID-19 pandemic and ethics in Mexico through a gender lens. *J Bioeth Inq*, 17(4), 613-617. <https://doi.org/10.1007/s11673-020-10029-4>
- de Rose, J. C. (1993). Classes de estímulos: implicações para uma análise comportamental da cognição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, 283-303.
- de Rose, J. C. (2016). A Importância dos Respondentes e das Relações Simbólicas para uma Análise Comportamental da Cultura. *Acta Comportamentalia*, 24(2), 201-220.
- Drake, C. E., Kellum, K. K., Wilson, K. G., Luoma, J. B., Weinstein, J. H., & Adams, C. (2010). Examining the implicit relational assessment procedure: four preliminary studies. *The Psychological Record*, 60, 81-100. <https://doi.org/10.1007/BF03395695>
- Drake, C. E., Primeaux, S., & Thomas, J. (2018). Comparing implicit gender stereotypes between women and men with implicit relational assessment procedure. *Gender Issues*, 35, 3-20. <https://doi.org/10.1007/s12147-017-9189-6>
- Eckhardt, A. I., & Crane, C. A. (2014). Male perpetrators of intimate partner violence and implicit attitudes toward violence: associations with treatment outcomes. *Cognitive Therapy Research*, 38(3), 291-301. <https://doi.org/doi:10.1007/s10608-013-9593-5>
- Errasti, J., Martinez, H., Rodrigues, C., Marquez, J., Maldonado, A., & Menendez, A. (2019). Social context in a collective IRAP application about gender stereotypes: mixed versus single gender groups. *The Psychological Record*, 69, 39-48. <https://doi.org/10.1007/s40732-018-0320-1>
- Farrel, L., Cochrane, A., & McHugh, L. (2015). Exploring attitudes towards gender and Science: the advantages of an IRAP approach versus the IAT. *Journal of Contextual Behavior Science*, 4(2), 121-128. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2015.04.002>
- Farrel, L., & McHugh, L. (2017). Examining gender-STEM bias among STEM and non-STEM students using the implicit relational assessment procedure (IRAP). *Journal of Contextual Behavioral Science*, 6(1), 80-90. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.02.001>
- Farrel, L., & McHugh, L. (2020). Exploring the relationship between implicit and explicit gender-STEM bias and behavior among STEM students using the implicit relational assessment procedure. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 15, p. 142-152. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2019.12.008>

- Farrell, L., Nearchou, F., & McHugh, L. (2020). Examining the effectiveness of brief interventions to strengthen a positive implicit relation between women and STEM across two timepoints. *Social Psychology of Education, 23*, 1203-1231. <https://doi.org/10.1007/s11218-020-09576-w>
- Feldman, R. S. (2015). *Introdução a Psicologia*. Porto Alegre: AMGH.
- Ferreira, M. C. (2010). A psicologia social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Prática, 26*, 51-64. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500005>
- Fleming, K., Foody, M., & Murphy, C. (2020). Using the implicit relational assessment procedure (IRAP) to examine implicit gender stereotypes in science, technology, engineering, and maths (STEM). *The Psychological Records, 70*, 459-469. <https://doi.org/10.1007/s40732-020-00401-6>
- Goffman, E. (1975). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC
- Golijani-Moghaddam, N., Hart, A., & Dawson, D. L. (2013). The implicit relational assessment procedure: emerging reliability and validity data. *Journal Contextual Behavior Science, 2*, 105-119. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2013.05.002>
- Greenwald, A. G., & Lai, C. K. (2001). Implicit Social Cognition. *Annual Review of Psychology, 71*, 416-445. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010419-050837>
- Greenwald, A. G., Rudman, L.A., Nosek, B. A., Banaji, M. R., Farnham, S. D., & Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review, 109*(1), 3-25. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.109.1.3>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Kluwer Academic.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis, 11*(1), 163-174. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1901/jaba.1978.11-163>
- Hughes, S., Barnes-Holmes, D., & de Houwer, J. (2011). The dominance of associative theorizing in implicit attitude research: propositional and behavioral alternatives. *The Psychological Record, 61*, 465-496. <https://doi.org/10.1007/BF03395772>
- Hussey, I., Thompson, M., McEnteggart, C., Barnes-Holmes, D., & Barnes-Holmes, I. (2015). Interpreting and inverting with less cursing: a guide to interpreting IRAP data. *Journal of Contextual Behavioral Science, 4*(3), 157-162. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2015.05.001>
- Instituto Brasileiro de Direito de Família. (2020). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>
- Kazdin, A. E. (1982). *Single-case research designs: Methods for clinical and applied settings*. New York: Oxford University Press
- Liberati, A., et al., (2009). The PRISMA statement for reporting systematic review and meta-analysis of studies that evaluate healthcare intervention: explanation and elaboration. *BMJ*, p.339. <https://doi.org/10.1136/bmj.b2700>
- Marcelino, M. R., & Arantes, A. (2019). Implicações dos experimentos sobre atitudes implícitas para uma análise experimental feminista do comportamento. In R. Pinheiro & T. Mizael (org.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 117-142). Fortaleza: Imagine Publicações.
- Martin-Baró, I. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia, 2*(1), 7-27. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Mizael, T. M., Santos, S. L., & de Rose, J. C. (2016). Contribuições da equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia, 20*(2), 124-134. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>
- Moreira, M. B., Todorov, J. C., & Nalini, L. E. G. (2006). Algumas considerações sobre o responder relacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 8*(2), 192-211.
- Myers, D. (2014). *Introdução a psicologia*. Rio de Janeiro: LTC.
- Nicolodi, L., & Arantes, A. (2019). Poder e patriarcado: contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In R.

- Pinheiro & T. Mizael (Orgs.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 64-83). Fortaleza: Imagine Publicações.
- Nolan, J., Murphy, C., & Barnes-Holmes, D. (2013). Implicit relational assessment procedure and body-weight bias: influence of gender of participants and targets. *The Psychological Record*, 63, 467-488. <https://doi.org/10.11133/j.tpr.2013.63.3.005>
- Nosek, B. A., Hawkins, C. B., & Frazier, R. S. (2011). Implicit social cognition: from measures to mechanisms. *Trends Cognition Science*, 15(4), 152-159. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2011.01.005>
- Power, P., Harte, C., Barnes-Holmes, D., & Barnes-Holmes, Y. (2017). Combining the implicit relational assessment procedure and the recording event related potentials in the analysis of racial bias: a preliminar study. *The Psychological Record*, 67, 449-506. <https://doi.org/10.1007/s40732-017-0252-1>
- Rabelo, L. Z., Bortoloti, R., & de Souza, D. (2014). Dolls are for girls and not for boys: evaluating the appropriateness of the implicit relational assessment procedure for school-age children. *The Psychological Record*, 64, 71-77. <https://doi.org/10.1007/s40732-014-0006-2>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.
- Rubin, G. (1975/2017). O tráfico de mulheres. In G. Rubin. *Políticas do sexo* (pp. 8-61). São Paulo: Ubu Editora.
- Rudman, L. A., Greenwald, A. G., & McGhee, D. (2001). Implicit self-concept and evaluative implicit gender stereotypes: self and ingroup share desirable traits. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(9), 1164-1178. <https://doi.org/10.1177/0146167201279009>
- Ruiz, M. (1995). B. F. Skinner's radical behaviorism: historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. *Psychology of Women Quarterly*, 19, 161-179. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>
- Ruiz, M. (1998). Personal agency in feminist theory: evicting the illusive dweller. *The Behavior Analyst*, 21, 179-192. <https://doi.org/10.1007/BF03391962>
- Ruiz, M. (2003). Inconspicuous source of behavior-al control: the case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 12-16. <http://dx.doi.org/10.1037/h0100005>
- Salerno, J. P., Williams, N. D., & Gattamorta, K. A. (2020). LGBTQ populations: psychologically vulnerable communities in the COVID-19 pandemic. *Psychol Trauma*, 12(1), 239-242. <https://doi.org/10.1037/tra0000837>
- Sant'Ana, M. F., de Souza, F. H. S., & de Melo, C. M. (2009). Uma discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual no comportamentalismo radical. In: A. Bolsoni-Silva (Org.), *Comportamento em foco (vol.9)* (pp. 136-152). São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.
- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: "a mulher" à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 18, 187-211. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. USA.:Prentice-Hall.
- Szabo, T. G. (2020). Equity and diversity in behavior analysis: lesson from Skinner (1945). *Behavior Analysis in Practice*, 13(2), 375-385. <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00414-1>

Informações do Artigo

Histórico do artigo:

Submetido em: 30/03/2021

Aceito em: 13/07/2021

Editora Associado: Tâhcita M. Mizael